

Do fato ao relato: os processos de reedição na narrativa sobre o Semiárido no telejornalismo¹

Fabiola Moura Reis Santos² | Ernani Machado de Freitas Lins Neto³ | Iluska Maria Coutinho⁴

RESUMO

Este trabalho reflete sobre os processos de reedição no telejornalismo em três emissoras parceiras da TV Caatinga, TV via *web* da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Foram avaliadas quatro matérias exibidas nas TVs, comparando o conteúdo original com o veiculado em rede nacional, além de analisadas as versões da mesma matéria exibidas entre as próprias emissoras. Para este fim, utilizou-se a análise da materialidade audiovisual e a etnopesquisa contrastiva. Observou-se ainda se a reedição do conteúdo original preservou a proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido brasileiro. Como principais resultados, constatou-se tanto que a abordagem original foi mantida quanto casos em que as alterações distorceram a pauta encaminhada, resultando em desinformação.

PALAVRAS-CHAVE:

Telejornalismo; Jornalismo Contextualizado com o Semiárido brasileiro; Televisão.

ABSTRACT:

This work reflects on the processes of re-editing in the telejournalism in three stations that are partners of TV Caatinga, web TV of the Universidade Federal do Vale do São Francisco. Four stories aired on the TVs were evaluated, comparing the original content with the one aired on the national network, besides analyzing the versions of the same story aired between the stations themselves. To this end, we used the analysis of audiovisual materiality and contrastive ethno-research. It was also observed if the re-edition of the original content preserved the proposal of Contextualized Journalism with the Brazilian Semi-arid. As main results, it was found both that the original approach was maintained and cases in which the changes distorted the forwarded agenda, resulting in misinformation.

KEYWORDS: Telejournalism; Contextualized Journalism with the Brazilian Semi-arid; Television.

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, Jornalista, Professora da Universidade do Estado da Bahia. Email: fmrantos@uneb.br / fabiolamsantos@hotmail.com

³Doutor em Biotecnologia, Mestre em Botânica, Biólogo, Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Email: ernani.linsneto@univasf.edu.br / ernanifreitaslins@gmail.com

⁴Jornalista e pós-doutora em Comunicação, Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: iluskac@globo.com

INTRODUÇÃO

São os critérios de noticiabilidade que determinam a pauta do dia dos jornalistas. Depois de superar essa etapa, o fato ainda passa pela definição da abordagem e a escolha das fontes exigidas pela linha editorial do veículo, até enfim, virar notícia. Mas o que acontece com o fato relatado e já publicado ao passar por outros processos de edição? Que resultado esperar depois que o relato de um fato sofre mais uma interferência editorial antes de uma nova veiculação, agora mais abrangente e para um público maior? Qual o “recorte do recorte da realidade” que a audiência recebe, no fim das contas, anunciado como informação?

Destaca-se aqui a presença do intermediário (nem sempre visível ou explícito) e a sensação de um acesso não mediado ao conteúdo, já que a consciência do mediador é absorvida “pelo hábito e rotina” (WILLIAMS, 2016, p. 59).

Além disso, como complementa Williams, há uma promessa de neutralidade anunciada na sensação televisual de “ver os acontecimentos por si próprio” (p. 59). O que não está explicitado é que há sempre um recorte

METODOLOGIA

O estudo estruturou-se a partir da comparação entre o conteúdo original produzido pela TV Caatinga, disponibilizado em seu *site* e o que foi exibido em três emissoras parceiras da TV Universitária: TV Brasil, Canal Futura e TV Cultura. As matérias veiculadas em rede nacional entre 2014 e 2018, foram analisadas a partir dos *links* e/ou arquivos dos produtos divulgados, registrados no relatório da TV universitária ou recuperados na *internet*. Além da versão veiculada de cada emissora ter sido analisada individualmente e comparada

e que esse pode estar comprometido pela intenção e o efeito de uma ordem social particular. “Desprezando-se a intenção, despreza-se também o conteúdo, aparente ou real” (p. 137). É sobre os recortes apresentados na reedição de conteúdos no telejornalismo que tratamos nesse trabalho. Analisamos como três emissoras de televisão exibiram em rede nacional o mesmo material sobre o Semiárido brasileiro⁵ (SAB) produzido por uma TV universitária, a TV Caatinga, da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf. As matérias foram avaliadas a partir da análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2016) e comparadas entre si e com a versão original sob o ponto de vista da etnopesquisa contrastiva (MACEDO, 2018).

Como principais achados, observou-se que, em alguns casos, preservou-se a proposta da primeira versão produzida pela TV universitária, ainda que tenha havido redução do tempo do conteúdo para adequação à programação do veículo. No entanto, também constatou-se a total desconfiguração e distorção da pauta inicial, resultando em desinformação.

com o conteúdo original da TV Caatinga, as reedições das TVs também foram analisadas entre si.

Isso ocorreu porque a TV Caatinga oferece o mesmo conteúdo para as emissoras parceiras de forma simultânea, dessa forma, aconteceram situações em que as matérias foram exibidas de formas diferentes em mais de uma TV.

Para guiar esses dois tipos de comparação, cada conteúdo foi assistido e analisado individualmente a partir dos

⁵ <http://rtvcaatinga.univasf.edu.br/>

elementos elencados numa ficha de análise desenvolvida para o estudo. Os itens verificados foram o título da matéria; data de exibição; programa exibido; cabeça⁶ e/ou descrição no *site* da emissora parceira; duração do vídeo e editoria, além da avaliação do audiovisual propriamente dito.

Essas informações foram registradas junto com os mesmos dados do conteúdo original da TV Caatinga, que foi assistido em seu *site*, para possibilitar a análise contrastiva.

O objetivo foi observar se o conteúdo original, desde a cabeça à matéria em si, sofreu algum tipo de modificação de tempo e/ou sentido que ocasionasse a distorção da proposta de abordagem contextualizada com o Semiárido brasileiro (SANTOS, 2018).

Foi preciso considerar ainda que os conteúdos da TV Caatinga se caracterizam pelo aprofundamento das temáticas de forma educativa, o que resulta em reportagens e entrevistas mais longas que o tempo comercial praticado no telejornalismo.

Dessa forma, era esperado que grande parte dos conteúdos sofresse redução de tempo para se adequar à duração do programa da emissora parceira. Por isso, surgiu a necessidade de sistematizar um protocolo para diferenciar o que era só **alteração** pela redução do tempo, do que foi propriamente **distorcido**. Isso foi utilizado especificamente na análise das matérias, excluindo-se nesse momento as cabeças.

Para fazer essa diferenciação, quando a redução do conteúdo original ultrapassou 1 minuto de duração, pontuou-se que elementos e informações (sonoras, *off*, sobre som) foram retirados da matéria.

Se as informações retiradas não

comprometeram o sentido original contextualizado com o Semiárido da reportagem, considerou-se que a redução representou apenas uma alteração, realizada para adequação ao tempo do programa da emissora parceira.

Do contrário, se a redução do tempo alterou a representação contextualizada com o SAB do conteúdo original, a transmissão da informação foi considerada distorcida.

De maneira geral, para quantificar cada material como um todo, quando houve mudança no sentido contextualizado com o Semiárido brasileiro de até 50% do texto da cabeça e/ou do conteúdo exibido, a distorção do produto foi considerada parcial. Se as mudanças de sentido na cabeça e/ou conteúdo ultrapassaram a marca de 50%, o produto foi classificado como totalmente distorcido.

A avaliação dos conteúdos se baseou na análise da materialidade audiovisual, um método que permite a elaboração de estudos científicos sobre o jornalismo televisivo que utiliza o texto, som, imagem, tempo e edição como objeto de avaliação (COUTINHO, 2016, p. 2).

Por seu turno, a etnopesquisa contrastiva perpassou por todas essas etapas, confrontando "sentidos e significados como dispositivo de objetivação multiexperencial e transingular" (MACEDO, 2018, p. 90).

A seguir, serão apresentados os dados apurados e analisados em cada uma das três emissoras, assim como as reflexões produzidas a partir do estudo dos conteúdos da TV Caatinga exibidos pelas mesmas em rede nacional e a avaliação dos processos de reedição que resultaram em diferentes versões das matérias entre as TV's.

⁶Texto narrado pelo apresentador do telejornal ou programa televisivo para anunciar o conteúdo que será exibido a seguir.

RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao analisar o conteúdo da TV Caatinga exibido na TV Brasil, Canal Futura e TV Cultura, observou-se que quatro matérias foram veiculadas em pelo menos duas das emissoras parceiras, porém de formas diferentes.

Em algumas situações, a reedição realizada para a exibição em rede nacional alterou de forma parcial ou total a proposta original contextualizada com o Semiárido, distorcendo a abordagem da matéria da TV

REEDIÇÃO NA EDITORIA DE CULTURA

A história de Mestre Duda, um artesão que trabalha com couro em Petrolina, interessou ao Jornal Futura e à TV Brasil. No Brasil, a matéria foi veiculada em três programas diferentes, já o Futura publicou uma versão que continha apenas a entrevista com o personagem.

Nas matérias exibidas pela TV Brasil, só um trecho da sonora foi utilizado e o conteúdo completo variou de 2'41 a 2'40" em dois dos programas avaliados, os quais conseguiu-se resgatar o *link* na *internet*. Nesses casos, a versão da matéria original da TV Caatinga (2'53") foi exibida praticamente na íntegra, com redução de segundos.

Já o Futura optou pela versão só com a entrevista completa do artesão. O conteúdo foi

universitária da Univasf. De outra maneira, houve casos em que a emissora parceira aderiu à abordagem contextualizada com o SAB, possibilitando que a audiência do veículo tivesse acesso a uma forma de pautar esses territórios mais próxima de suas realidades, como orienta o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (SANTOS, 2018). Vejamos então, a análise e discussão de cada conteúdo.

ao ar com 4'51", dando maior visibilidade e oportunidade para o artesão se expressar, graças ao formato sem cortes da conversa dele com a repórter. Além disso, a entrevista foi exibida com exclusividade pelo Canal Futura, já que a TV Caatinga também só publicou a versão da matéria sobre o artesão. Apesar da mudança do formato (de matéria para entrevista), o conteúdo manteve a abordagem contextualizada com o Semiárido, pautada na editoria de Cultura.

Quanto às cabeças dos programas, observa-se que o Jornal Futura e o programa Paratodos da TV Brasil mantiveram a proposta do Jornalismo Contextualizado com o SAB, sem precisar recorrer a estereótipos e/ou distorções.



Agora do sertão nordestino, mais precisamente em Petrolina, Pernambuco, vamos conhecer um artesão do couro, muito famoso por suas criações de sandálias, sapatos, bolsas e cintos. Ele se chama José Alves Cordeiro, mais conhecido por Mestre Duda. Em seu ateliê, ele recebeu a equipe da TV Caatinga (CANALFUTURA, 2015).

No programa Paratodos, inclusive, a cabeça reproduziu um trecho do texto de apresentação da TV Caatinga:

*Agora nós vamos até Petrolina em Pernambuco conhecer a história de um sapateiro pra lá de especial. **Mestre Duda não imaginou que ao exercer o ofício de sapateiro, se tornaria referência em peças bordadas em couro.** A reportagem é da TV Caatinga (TV BRASIL, PROGRAMA PARATODOS, 2015).*

*Assustado com as regras da aritmética, ele desistiu da escola e, sem saber, se dedicou à arte. **Mestre Duda não imaginou que ao exercer o ofício de sapateiro, se tornaria um artista em referência em peças bordadas em couro** (TV CAATINGA, 2015).*

Já a cabeça do Repórter Brasil Tarde, pertencente também à TV Brasil, limitou a inspiração do artesão à história dos cangaceiros.

*Agora você vai conhecer o trabalho de um artesão que traduz o espírito do sertão nordestino pernambuco. **Mestre Duda se inspira na história dos cangaceiros para produzir peças exclusivas em couro** (TV BRASIL, PROGRAMA REPÓRTER BRASIL TARDE, 2015).*

Ao colocar o foco nos cangaceiros, o texto do apresentador reduziu toda a produção artística do artesão a um único e simbólico elemento que, conforme o enunciado, traduziria o “espírito do sertão nordestino pernambucano”. Em outras palavras, o espírito (talvez a essência) do sertão de Pernambuco seria o cangaço.

Enquanto a cabeça da TV Caatinga destacou que o artesão se tornou uma referência nas peças bordadas em couro, enfatizando a exclusividade do seu trabalho, o texto de apresentação do Repórter Brasil Tarde recorreu a história única sobre o Semiárido, reforçando mitos e estereótipos de forma apelativa.

No conteúdo da matéria, que foi exibida na íntegra pelo telejornal da TV Brasil, a inspiração foi até citada no texto da repórter, mas em sua própria fala, o artesão faz apenas

uma rápida menção a Lampião que, para ele, se vestia como um vaqueiro. No depoimento, o entrevistado segue associando seu trabalho à cultura sertaneja como um todo e deixa evidente a abrangência da inspiração para produzir as peças ao citar os vaqueiros e outros elementos do sertão que, nas suas palavras, “tem muita coisa a oferecer e bom”.

Essa narrativa na cabeça do telejornal da TV Brasil distorce parcialmente a proposta original da TV Caatinga sob a perspectiva do Jornalismo Contextualizado com o SAB. Já as reedições do Futura e do Paratodos preservaram a abordagem original da TV universitária.

QUANDO O RECORTE OMITE A INFORMAÇÃO

Em outra matéria, dessa vez sobre tecnologias de captação de água no Semiárido nordestino (2014), a reedição promoveu diferentes abordagens do conteúdo original.

A reportagem da TV Caatinga detalhou as

Especialistas na tecnologia das cisternas pré-moldadas, aplicada no Semiárido nordestino, avaliam que essa pode ser uma alternativa para o armazenamento de água em grandes centros urbanos. Em São Paulo, por exemplo, o sistema Cantareira, principal fonte de abastecimento do estado, está com o nível de reserva abaixo de 10% e a experiência dos sertanejos pode servir de exemplo para a metrópole (TV CAATINGA, 2014).

Na versão exibida pelo Repórter Brasil Tarde, a cabeça enfatizou a contribuição das tecnologias aplicadas no Semiárido para os centros urbanos que também convivem com problemas de abastecimento de água.

E a experiência do povo sertanejo que vive no Semiárido nordestino pode ajudar grandes centros urbanos que enfrentam problemas provocados pela estiagem. Lá são aplicadas várias tecnologias de captação, armazenamento e utilização racional da água (TV BRASIL, PROGRAMA REPÓRTER TARDE, 2014).

Enquanto no Canal Futura, o “exemplo para os grandes centros” foi retirado da cabeça do Jornal Futura.

O sertão nordestino, na região do semiárido, é hoje pioneiro em técnicas para armazenar água de forma racional. São soluções relativamente simples que ajudam a combater a escassez da água, principalmente em períodos de seca ou estiagem. Essas ações garantem a sustentabilidade hídrica local. Conheça algumas dessas técnicas na reportagem da TV Caatinga (JORNAL FUTURA, 2014).

A escolha editorial se manteve no recorte do conteúdo. A reportagem exibida pelo Canal Futura mostrou os tipos de cisternas e até bomba d'água para extrair água subterrânea, porém retirou todo o trecho sobre o conhecimento do Semiárido como contribuição para os grandes centros urbanos, inclusive o Sudeste, onde a emissora está sediada.

Essa reedição exclui da proposta original, o olhar para um Semiárido que também produz tecnologia e autonomia para a vivência com a questão climática. Nesse caso, a

tecnologias de captação e armazenamento de água e como a experiência do Semiárido pode ser utilizada em outras regiões do país, inclusive em espaços urbanos.

omissão negou a audiência o acesso à informação completa, distorcendo parcialmente a abordagem contextualizada com esses territórios.

Uma prática que reforça a retratação de um território rural, que até cria alternativas de convivência com o clima, porém que se limitam àquela realidade única e imutável. A informação sobre um Semiárido com expertise na captação e uso racional da água não chegou até o público.

Ao alertar para o perigo de um ambiente

de mídia desequilibrado, “em que o conhecimento se torna propriedade de poucos privilegiados, e não da população como um todo”, Strate, Braga e Levinson também destacam o potencial das novas tecnologias de informação para “alcançar um sistema social mais complexo e ecologicamente correto, em que a informação atende às necessidades e propósitos humanos e é usada para criar um ambiente sustentável e humano” (2019, p. 124-125).

A REEDIÇÃO QUE NÃO CAUSA PREJUÍZO AO CONTEÚDO

A reportagem sobre a participação de crianças em terreiros de candomblé (2015) também foi exibida pelas duas emissoras. Na cabeça, TV Brasil e Canal Futura mantiveram a proposta educativa anunciada na apresentação da TV Caatinga, baseada na Lei de Diretrizes e Bases, que estabelece a liberdade de crenças no ensino religioso das escolas brasileiras.

No conteúdo exibido, houve redução de tempo nas duas emissoras. No Visual, programa da TV Brasil com foco na acessibilidade da informação, a reportagem de 6'45” foi cortada em 42,72%.

A TV Brasil retirou um dos personagens, que relatou o preconceito sofrido por sua família e o texto da repórter, que detalhava um estudo realizado com as crianças nos terreiros,

No caso da TV Brasil, o conteúdo exibido preservou a abordagem do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido, fazendo chegar até os telespectadores a informação completa e sem distorções. Uma possibilidade também de gerar conhecimento e outras formas de representação desses territórios.

porém a sonora do pesquisador foi exibida e a abordagem contextualizada com o Semiárido foi mantida.

No Jornal Futura, o corte na matéria foi de 30,62%, retirando o mesmo personagem excluído da versão da TV Brasil e toda a parte da pesquisa sobre a presença de crianças em terreiros e os preconceitos sofridos por elas, inclusive a fala do pesquisador. No entanto, a abordagem da discriminação religiosa na escola foi mantida, assim como a proposta contextualizada com o SAB. Esses exemplos demonstram que é possível realizar a reedição sem grandes prejuízos e/ou distorções da ideia geral da matéria.

REEDIÇÃO, DESCONFIGURAÇÃO E DISTORÇÃO

Se por um lado, vimos que a reedição não precisa ser nociva à transmissão da informação, por outro, observamos o quanto a manipulação do conteúdo pode alterar de forma radical o que se pautou originalmente.

A situação mais evidente foi a total desconfiguração de uma matéria que tratava da rota turística criada na cidade onde Lampião

nasceu para contar a História do cangaceiro, conforme cabeça postada no *site* da TV Caatinga:

Um passeio pelas pegadas de Lampião em sua terra natal, Serra Talhada, no sertão pernambucano. Confira nesta reportagem a história do cangaceiro contada seguindo o trajeto desde o local onde aconteceu o primeiro ataque armado da vida de Virgulino Ferreira da Silva até a casa onde foi criado (TV CAATINGA, 2018).

A matéria reeditada e exibida no Jornal da Cultura anuncia o aniversário de morte de Lampião e seu bando e logo associa o grupo à “violência que persiste no interior do Nordeste”, chamada já a partir da cabeça de “novo cangaço”:

*A morte do cangaceiro Lampião completa 80 anos agora em 2018. Lampião, Maria Bonita e o restante do bando, perderam a vida em um cerco da polícia no sertão de Sergipe, mas **a violência no interior do Nordeste** resiste ao tempo e a região sofre hoje com a ação chamado **novo cangaço** (TV CULTURA, 2018).*

A versão alterada com trechos gravados pela emissora em São Paulo, começa com a pergunta "herói ou vilão?" e segue afirmando que "durante 20 anos, Lampião e seu bando aterrorizaram o sertão nordestino com saques, roubos e assassinatos. Mais de 100 mortes são atribuídas ao rei do cangaço".

Na matéria original da TV Caatinga, uma fonte explica que Lampião não teria sido considerado pela justiça vítima da primeira emboscada que sofreu e que nenhum advogado quis defendê-lo contra uma “família rica e poderosa”. Essa entrevista, que explicaria o real motivo da entrada de Virgulino no Cangaço, foi retirada da matéria da TV Cultura.

Em vez disso, a entrevista (recortada da

Mesmo sem os cangaceiros de chapéu de couro, cidades do Nordeste e de outras regiões do país enfrentam o que ‘tá’ sendo chamado de um novo cangaço. Bandos armados praticam assaltos e sequestros e usam a população como escudo (TV CULTURA, 2018).

As imagens que ilustram o texto são de câmeras de segurança que mostram a ação de assaltantes. A matéria da TV Cultura termina com a fala do jornalista Moacir Assunção reforçando que "de certa forma esses grupos 'eles' agem como cangaceiros". Ele continua

versão original) de uma fonte que afirma o orgulho dos moradores de Serra Talhada de serem conterrâneos do cangaceiro, foi contestada pela fala do jornalista Moacir Assunção, que escreveu um livro sobre os inimigos de Lampião. Ele é categórico ao afirmar que Lampião foi um bandido. Nesse momento a matéria da TV Cultura segue então um rumo completamente diferente quando aborda que o chapéu usado pelos cangaceiros "virou um dos símbolos das tradições nordestinas".

O chapéu é usado novamente no texto para fazer uma outra associação, aparentemente sem sentido, quando o repórter da Cultura narra:

sua explicação dizendo que a diferença é que os criminosos não têm o carisma de Lampião, já que são ligados a traficantes de drogas e que atuam numa região semelhante a que os cangaceiros agiam. A reportagem reeditada tem duração de 2'47”, a original tem 5'12”.

Observa-se uma intencionalidade na modificação das informações para adequá-las a abordagem pretendida, ainda que isso tenha prejudicado o encaminhamento jornalístico da matéria, com associações incoerentes, descabidas e até fantasiosas. Ao que parece, a ressignificação distorcida já estava definida no momento da solicitação da matéria, talvez por isso mesmo a proposta não tenha sido revelada em sua totalidade, conforme relato da produção da TV Caatinga.

Os processos técnicos de reedição aqui foram mais sofisticados, acrescentando entrevistas e novos trechos textuais com outro repórter, que atuaram para forçar uma narrativa pretendida e não anunciada no pedido da versão original. É o que *Williams* chama de 'determinismo tecnológico', usado para "indicar um determinismo social e cultural: um determinismo que, podemos dizer, ratifica a sociedade e a cultura que temos agora, especialmente seus direcionamentos internos mais poderosos" (2016, p. 136).

Já os pesquisadores da ecologia das mídias se referem à 'materialidade técnica' da mídia para relacioná-la "com seu uso, seu contexto social e político, a produção de

sentidos e a elaboração de significados" (STRATE, BRAGA e LEVINSON, 2019, p.12).

Na tentativa de reafirmar o ponto de vista pretendido nos processos de reedição, após a exibição da matéria alterada, o consultor político que dividia a bancada com o apresentador naquela noite é convidado a comentar o assunto. Por quase quatro minutos, o consultor, natural de Luís Gomes, no Rio Grande do Norte, conta a história pessoal da família e "causos" sobre a passagem de Lampião por sua cidade.

O comentarista da noite terminou recitando um trecho de cordel e não fez nenhuma menção à matéria em si ou ao tema evidenciado do "novo cangaço". Porém, o que chegou para o público foi a narrativa do banditismo montada na reedição da emissora paulista, que foi ao ar para todo o país pelo Jornal da Cultura.

Essa mesma reportagem foi exibida pela TV Brasil no Repórter Brasil Noite que, de maneira geral, manteve a proposta da pauta original, destacando-se apenas um erro cometido na cabeça:

E agora um passeio pela cultura do sertão nordestino. Um roteiro turístico que segue as pegadas do bando de Lampião. A reportagem da nossa emissora parceira, a TV Caatinga de Pernambuco (TV BRASIL, 2018).

Apesar da cabeça publicizar uma informação incorreta, já que não se trata de um roteiro sobre o "bando" e apenas sobre Lampião, além da versão exibida ter sido reduzida em 40,38% de sua duração, a TV Brasil preservou a abordagem da rota turística da matéria da TV universitária.

Embora a cabeça tenha cometido um deslize que só evidencia o imaginário em torno

do cangaço de quem a escreveu, não se recorreu ao sensacionalismo, a omissão, a desinformação ou a distorção no recorte da matéria. Mesmo com a redução do tempo da reportagem, a TV Brasil possibilitou a seu público o acesso a uma atração turística que reúne cultura e História no Semiárido.

Um tipo de pauta difícil de se ver na televisão em se tratando desses territórios e que,

nesta emissora, não sofreu distorções durante a mediação dos editores antes da exibição em nível nacional. O veículo informou sem a necessidade de apelar a estereótipos, prestou serviço e promoveu a educação a partir da

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das quatro matérias da TV Caatinga exibidas em rede nacional em mais de uma emissora parceira e analisadas neste trabalho, três foram veiculadas tanto pela TV Brasil quanto pelo Canal Futura e outra pela Cultura e Brasil.

Ao analisar e comparar os processos de reedição nessas três emissoras de televisão, fica evidenciado o quanto as escolhas editoriais são decisivas na transmissão da informação. Elas podem ou não recortar, desconfigurar e distorcer totalmente a proposta original do conteúdo. Mas quando a posição respeita o trabalho dos jornalistas que produziram a pauta, ainda que com adequações no tempo, há

comunicação. Diferente da TV Cultura, que distorceu completamente a versão original e desinformou sua audiência.

um posicionamento ético e profissional com a abordagem da equipe que foi a campo contar aquela história.

Nesse estudo, que tratou especificamente dos processos de reedição de conteúdos sobre e no Semiárido, vimos as duas práticas, uma que comunica de forma educativa e outra que distorce parcial ou totalmente a narrativa sobre esses territórios. Um longo percurso do fato ao relato que pode contribuir para a disseminação do conhecimento por meio da comunicação ou interferir de tal forma a disseminar o equívoco, causando todos os estragos que a desinformação é capaz de fazer.

REFERÊNCIAS

- CANAL FUTURA. **Armazenamento de água no sertão nordestino**, Jornal Futura, Juazeiro-BA, out, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wIxx2lQIxeE>. Acesso: set 2020.
- CANAL FUTURA. **Intolerância religiosa nas escolas**, Jornal Futura, Petrolina-PE, set, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=rLPm_BhDT6A. Acesso: set 2020.
- CANAL FUTURA. **José Alves Cordeiro, conta sua história com a arte da sapataria**, Jornal Futura, Petrolina-PE, jan, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=go4cBKkozG8>. Acesso: set 2020.
- COUTINHO, I. (2016). **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade**: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: *Anais XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. Anais eletrônicos...* São Paulo, Brasil: USP. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso: 01 jan 2021.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisa contrastiva e estudos multicaseos**: da crítica à razão comparativa ao método contrastivo em ciências sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2018.
- SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O sertão que a TV não vê**: o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Teresina: EDUFPI, 2018.